

XIII — Missões do interior

Missão de Paris, Missão de França, Acção Católica.

Foi ultrapassada a Acção Católica? Descobriram-se novos métodos mais eficazes, organizações mais adaptadas às necessidades do mundo novo?

O problema era deveras apaixonante e, sobretudo, de grande utilidade prática.

E foi uma série de interrogações, de perguntas, de objecções, feitas um pouco a toda a gente.

Uma coisa notamos logo de co-

e Acção Católica

meço. O esforço sacerdotal que temos vindo descrevendo despertou entre os leigos verdadeira onda de entusiasmo penetrou-os de um espírito novo, ardente, filho directo de uma operosa caridade.

Nenhum dos dirigentes leigos com quem falamos nos deixou de fazer a pergunta: — «Já falou com o nosso Assistente? E via-se-lhe no rosto que não se tratava de uma simples cortezia. O dirigente sentia-se «orgulhoso» do seu Assistente.

Por sua vez, os Assistentes inquiriam: — «Já falou aos nossos dirigentes? Vá vê-los». A mesma altivez no Assistente pelos seus dirigentes, pelos seus militantes!

— O nosso trabalho, dizia-me o P.^o Holande, da Missão de Paris, não teria nenhuns resultados eficazes sem a colaboração dos leigos, enquadrados nos Movimentos da Acção Católica; a J. O. C. e o Movimento dos Adultos. Desses... e dos outros.

Tratar-se-ia então de um simples aperfeiçoamento da Acção Católica? De um dinamismo mais activo?

A primeira observação que fizemos foi-nos revelada nas con-

(Continua na 3.^a pagina)



FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

© Todos os direitos reservados

versas com os Assistentes e os Padres das «Missões»: a Acção Católica, sendo um movimento de leigos, não tem eficacidade enquanto não se der aos leigos plena confiança e plena responsabilidade. Teóricamente todos estão de acordo em aceitá-lo. Mas na prática? Na prática nem sempre assim tem sido.

— É necessário acreditar nos «sacerdócio» dos leigos, confiando-lhes verdadeira acção apostólica e inteira liberdade de acção. Creia nas possibilidades dos leigos. O Assistente não deve aparecer aos leigos como uma espécie de fiscal, que controla, reprime, aponta o seu «veto», entraya, receia. Pelo contrário, deve ser um animador, um formador de consciências, um pastor. Assim, o entendimento, a colaboração serão totais.

Os Padres das «Missões» procuram ser os Assistentes ideais. E, de facto, são-no.

Mas logo vem outra observação mais importante ainda, que nos leva a pensar em que nos encontramos em face de um movimento de ideias que, acreditando e apoiando-se na Acção Católica, se não contenta com ela só, tal como se encontra organizada em toda a parte, e deseja ir mais além.

O melhor será passar a palavra ao P.º Hollande:

— A Acção Católica e a Missão do interior são duas realizações que se completam e se auxiliam mutuamente. Ambas desejam a evangelização das almas, a cristianização da vida inteira tanto pessoal como familiar e social. Ambas têm por fim a conquista do meio em que o homem vive, de forma a dar-lhe possibilidades de se comportar como Filho de Deus.

A Acção Católica descobriu a vocação dos leigos e a paganização das massas. Organizou-se precisamente para tornar mais eficaz o apostolado leigo, a fim de modificar as condições constantes da vida.

Sem esta modificação não poderá realizar-se a cristianização das pessoas, nem das correntes humanas, nem das sociedades. Ora para este admirável trabalho está a Acção Católica perfeitamente preparada.

O P.º Hollande fez aqui uma pausa, e armou-se de muita paciência para nos explicar o ideal que os anima. De facto — têmo-lo observado tanta vez! — é pre-

ciso muita paciência e muita humildade para ser portador de uma ideia diferente, quando, as que temos, nos estão entranhadas até aos ossos. É tão difícil renunciar às *nossas* ideias! Quanto labor me tem custado aceitar algumas! Vendo isto na minha expressão, começou pacientemente, martelando bem as suas palavras.

— A Acção Católica pretende ser um Movimento eficaz, aperfeiçoar a sua organização, centralizar-se administrativamente. Sob o ponto de vista humano, isto será uma força.

Mas — repare — sobretudo no que respeita aos jovens estes movimentos opõem-se, no terreno

temporal, a outros movimentos que não têm a mesma mística, nem os mesmos fins, nem os mesmos distintivos, nem os mesmos estatutos, nem os mesmos «slogans», nem as mesmas reuniões. Estabelece-se — e não por culpa dos cristãos — por este facto, uma limitação à sua acção, uma barreira psicológica erguida dos dois lados. Em face dos «nossos», persistem movimentos sociais, correntes humanas, associações de recreio ou políticas que nasceram pagãs, que se fecham sobre si mesmas e se chocam com as organizações similares de inspiração cristã. Cristo não penetrará nestas organizações sem a nossa presença, a nossa amizade, a nossa comunhão de caridade.

Se nós conseguirmos que se formem, no seio dessas organizações pagãs, militantes que nelas continuam apesar da atracção que sobre eles exerce a Acção Católica, poderão eles modificar a atmosfera como o fermento na massa. Estes militantes não poderão desempenhar, porém, a sua função se não se alimentarem nas fontes dum sacerdócio santo, humano, compreensivo, que viva no seio mesmo da comunidade espiritual destes cristãos convictos, e se abstenha de qualquer propaganda temporal mesmo em favor dum movimento católico.)

A nossa função não é criar movimentos, mas apenas ser fonte de vida, de luz e de caridade para todos aqueles, cristãos ou não, que trabalham aqui ou ali na *re-criação*, mesmo temporal, dum mundo segundo os planos de Deus.

«Quando penetramos nos meios pagãos pelas brechas que nos abriram os leigos, verificamos a ausência absoluta da Igreja na

vida das massas. Queríamos suprir esta deficiência. E é por isso que a nossa acção, sendo a mesma da Acção Católica, deseja realizar plenamente a visão de Pio XI: não só leigos apóstolos no seu meio, mas Cristo estendendo o seu Corpo místico neste jovem mundo, ontem abordado e desbravado pelos leigos, e ante-ontem rejeitado por nós como pagão».

O nosso interlocutor deixou de falar, convencido de nos ter comunicado alguma coisa da sua chama de caridade para com «o mundo pagão» por nós rejeitado.

Estamos em França. Em Portugal, enquanto não nos virmos na situação deles, estas palavras talvez não encontrem sentido... pleno.

No entanto, não fará mal repeti-las. Cristo advertiu-nos: «porque a iniquidade se multiplicará, há-de arrefecer a caridade de muitos» (Mat. XXIV, 12).

Porque o mundo que não nos segue é pagão, a caridade de muitos de nós arrefeceu, e já não somos capazes nem de compreender nem de amar esses nossos irmãos, por quem foi derramado também o sangue de Cristo.

Pudessem estas crónicas fazer rever a nossa posição.

ABEL VARZIM